

A CONSOLIDAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Sara Cristine Roncon de LIMA
Prof. MSc. Antônio José SANTOS

RESUMO

Uma das características da sociedade brasileira, fruto da herança cultural deixada aqui pelos colonizadores portugueses, foi a língua. A língua portuguesa é hoje nossa língua oficial, e embora hoje se possa perceber a variedade de dialetos diferentes em nosso país, nas escolas nos é ensinado a norma culta de nossa língua oficial, o português. Porém nem sempre foi assim, a princípio era usada como língua de comunicação uma língua geral, que tinha como base de sua construção línguas dos nativos que viviam na região. Com o passar do tempo, e conforme as novas necessidades, a língua portuguesa vai ganhando espaço na nova sociedade brasileira. Sua difusão por esse extenso território se dará, principalmente, com o negro, este que, forçado a aprender essa nova língua para conseguir se comunicar nesse ambiente em que foi inserido contra sua vontade, vai acabar a levando pelos territórios em que for requisitado. E assim vai a língua portuguesa se consolidando nesse extenso território brasileiro.

Palavras-Chave

Comunicação, Implantação, Línguas.

Introdução

22 de abril de 1500 é a data oficial da chegada dos portugueses ao território brasileiro. Nesse período, a Europa está passando por diversas transformações em seu meio político e econômico, pois as grandes potências europeias começam a explorar, mais do que nunca, outros territórios de além-mar para o crescimento de seu comércio.

Quando chegam os primeiros exploradores ao recém descoberto continente americano e percebem o vasto território a ser explorado e as possibilidades de enorme enriquecimento, a América se torna o alvo das grandes potências europeias, e as colônias passam a fazer parte de seu processo político e econômico.

A descoberta de um continente até então desconhecido para a civilização europeia, acabou por trazer curiosos e ambiciosos para as novas terras. Começa então o processo de colonização dessas terras. Com todo esse processo de colonização, vem o processo de implantação cultural, fazendo nascer aqui uma nova sociedade e novos padrões culturais.

Houve, portanto, nesse momento, um choque cultural. Por conta desse encontro entre as culturas diferentes, o colonizador irá acabar por impor a sua cultura sobre os nativos daqui, como a religião, as vestimentas, e diversas formas de comportamento, e em meio aos conflitos, nesse processo de dominação cultural vai acabar ganhando a nova colônia portuguesa pouco a pouco seus padrões culturais.

Porém, para todo esse processo de dominação cultural, a primeira preocupação que os primeiros colonos tiveram foi a comunicação. Esse artigo mostrará as formas de comunicação utilizadas pelos colonos, passando das primeiras formas de comunicação até a implantação da Língua Portuguesa aqui no Brasil, mostrando algumas características das línguas dos nativos daqui e das africanas trazidas posteriormente junto aos escravos negros, sendo essas diferentes línguas responsáveis pelas influências linguísticas que o português sofrerá aqui no Brasil.

O colonizador europeu

Há muitos estudos históricos, antropológicos, filosóficos, linguísticos entre outros, que mostram o poder que a cultura exerce sobre as pessoas. LARAIA (2001) traz em sua obra "Cultura um Conceito Antropológico" citações sobre vários autores que fazem referência à cultura e, entre eles, Montaigne: "Na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra." (p.13), mostrando que todo julgamento, na verdade, se dá por concepções culturais.

No Brasil, os que vieram a colonizar essas terras e deixaram aqui, com mais força seu legado cultural, foram os portugueses. Portugal deixou muito de sua cultura, como o uso de roupas, por exemplo, já que esse costume não era comum aos nativos.

Para além da questão dos hábitos, da forma de se vestir, que está intimamente ligada à moral e ética social, que nesse caso, expressava a visão religiosa, é importante ressaltar que a própria religião Católica, também marcou o processo de aculturação dos

povos nativos. O cristianismo da Igreja Católica, religião oficial do reino de Portugal, foi um dos principais pilares desse processo através de seus sacerdotes.

Nessa cultura, nossa sociedade amoldou-se aos costumes europeus, de origem portuguesa, que de acordo com Darcy Ribeiro (1995) vá-se torna uma civilização urbana e classicista.

Mas, para a propagação de toda essa cultura, e de qualquer cultura existente, é necessária a comunicação, pela qual os colonizadores, a princípio e de uma forma mais pacífica, se ocuparam em aprender as línguas nativas, usando, principalmente, as crianças para aprenderem e difundirem a língua para a comunicação e dominação desses povos, e posteriormente, para a consolidação da colônia, fizeram de tudo para sua língua se oficializar na colônia, até mesmo de forma mais violenta quando necessário.

Portugal, por ser um país mercantilista, e por sua localização geográfica que torna o porto de Lisboa um ótimo ponto de parada para navegações vindas de todos os cantos, acabou tendo contato com muitos povos. A península Ibérica ficou sob domínio muçulmano durante um longo período, fato que influenciou na cultura dos portugueses e na sua própria língua. Outra influência linguística seria a que Portugal teria sofrido da Espanha - durante o período em que Portugal ficou sob o domínio espanhol depois da morte de Dom Sebastião.

De qualquer forma, no Brasil, a língua portuguesa com todas as influências ancestrais, irá se consolidar sofrendo influência das línguas dos nativos daqui e, posteriormente, das línguas de origem africanas, que será tratado mais adiante.

Mesmo a língua portuguesa sendo aqui, a princípio, a língua oficial da minoria, ela conseguiu se sobrepôr, mesmo nesse território de dimensão continental e de enorme variedade linguística. Contudo, para impor a uma população maior que a do colonizador, sua cultura e língua, não deixaram de ser colocadas em práticas políticas para a implantação da língua.

De acordo com Bessa Freire (2008), a política de línguas se dividia em dois tipos, uma particular e uma geral, sendo que os colonizadores fizeram, então, um esforço maior para a propagação da língua geral, que serviria de base para a comunicação deles com várias tribos e que depois, de algumas gerações acabaria por se tornar a língua materna desse novo contingente populacional, fazendo se perderem as línguas de seus predecessores.

A política de línguas distinguia dois tipos de línguas: de um lado, havia as línguas particulares e, de outro, as línguas gerais. As gerais eram aquelas que permitiam a comunicação interétnica entre falantes de diferentes línguas particulares e que compartilhavam determinado espaço geográfico. Os portugueses fortaleceram, então, as línguas gerais nos dois Estados que eles tinham na América. (...) Em consequência disso, em menos de quatro séculos ocorreu um processo de deslocamento linguístico entendido como um processo de transferência que se caracteriza pelo abandono de uso de certas línguas em favor de outras ao longo de várias gerações. (BESSA FREIRE, 2008, p.127)

Os portugueses usaram, a princípio, duas línguas gerais para a comunicação com os nativos, uma para o sul que era uma língua geral paulista e que tinha como base a língua dos tupinambás a partir do tupi de São Paulo e do litoral brasileiro, sendo usada pelos bandeirantes a partir do século XVIII que rapidamente se difundiu para diferentes partes do país. Já para o nordeste e norte, na colônia do Maranhão e Grão Pará uma língua geral amazônica, o Nheengatu. Esta foi usada pelos jesuítas para a catequese, e pelos portugueses na conquista e relações com os habitantes do norte, que têm por base também línguas do tronco tupi.

O idioma tupi foi a língua materna de uso corrente desses neobrasileiros até meados do século XVIII. De fato, o tupi, inicialmente, se expandiu mais que o português como a língua da civilização (sobre a formação e a difusão da língua geral ver Cortesão 1958 e Holanda 1945). Com efeito, a língua geral, o nheengatu, que surge no século XVI do esforço de falar o tupi com boca de português, se difunde rapidamente como a fala principal tanto dos núcleos neobrasileiros como dos núcleos missionários. (RIBEIRO, 1995, p.122)

Bessa-Freire (2008) mostra em seu artigo que a língua geral era vista como uma forma de amansar aquele índio selvagem, pois a partir dessa língua ele passava a poder se comunicar com outros grupos indígenas. Ele mostra como a língua determinava um *status* para o nativo na visão dos colonos, sendo o nativo que falava o português considerado índio civilizado, já que essa era a língua da civilização, servindo esse nativo, agora, como um intérprete dos colonos para com os outros nativos. Ainda hoje na Amazônia ele mostra que há o bilinguismo e a fraca influência que o português tem naquelas regiões.

Ainda de acordo com Bessa-Freire (2008), a coroa portuguesa, a princípio, teve uma política de estimulação da língua geral, tanto que os jesuítas já sabiam a língua geral quando chegavam aqui, por ser uma língua de comunicação interétnica, em que, tanto os grupos indígenas quanto os portugueses, conseguiam se comunicar. Não havia, portanto, a necessidade da língua portuguesa para seus objetivos naquele momento, já

que para a catequização e questões econômicas, bastava conseguirem se comunicar com eles, não importando a língua. Porém, a política para integrar a língua portuguesa como a oficial surgiu depois com o marquês de Pombal, no diretório de 1757.

Com os constantes conflitos territoriais entre Portugal e Espanha sobre a definição de fronteira, sendo que ambas as partes desrespeitavam os tratados anteriores, foi criado o tratado de Madri (1750). Com este, a divisão territorial passa a ser definida pela da ocupação, ou seja, o que define os limites dos territórios passam a ser os locais onde já havia uma ocupação, e uma forma de se reconhecer uma ocupação era a língua, sendo ela uma importante marca de predomínio territorial, e agora com outros propósitos a imposição da língua passa a ser feita até mesmo de forma violenta.

[...] O português, então, é hoje a segunda língua, a língua de comunicação interétnica dos índios. De qualquer forma, é preciso dizer que historicamente ela foi imposta a ferro e fogo. O padre João Daniel conta como na Amazônia uma índia pegou oitenta e poucos bolos de palmatória. Ela já estava com a mão sangrando e ele dizia "eu só vou parar quando você disser basta, mas não na sua língua materna". E aí ele faz um comentário: "as mulheres resistem mais do que os homens a migrar da sua língua materna para outra língua". (BESSA-FREIRE.2008, p.138)

A substituição da língua geral para a língua portuguesa foi um processo lento e levou um longo período para sua fixação de fato, assim como afirma RIBEIRO: "A língua portuguesa, que se difunde lentamente, século após século, até converter-se no veículo único de comunicação das comunidades brasileiras entre si e delas com a metrópole". (1995, p.75). Sendo ela difundida mais rapidamente em regiões onde a economia era baseada pelas relações comerciais externas, tanto que ainda hoje é pouco falada em regiões como o Amazonas, que teve pouco investimento em seu setor comercial, já que estas foram baseadas na exploração de seus recursos naturais.

A substituição da língua geral pela portuguesa como língua materna dos brasileiros só se completaria no curso do século XVIII. Mas desde antes vinha se efetuando, de maneira mais rápida e radical onde a economia era mais dinâmica e, em consequência, era maior a concentração de escravos negros e de povoadores portugueses; e, mais lentamente, nas áreas economicamente marginais, como a Amazônia e o extremo sul. No rio Negro, até o século XX, se falava a língua geral, apesar de que os Tupis jamais tivessem chegado ao norte do Amazonas. Introduzido como língua civilizadora pelos jesuítas, o nheengatu permaneceu, depois da expulsão deles, como a fala comum da população brasileira local e subsistiu como língua predominante até 1940 (Censo Nacional 1940). (RIBEIRO, 1995, p.123)

De acordo com Sampaio (1901), a língua portuguesa seria sim, como hoje, a língua oficial, porém era a língua do comércio nos portos do litoral, nas cidades e vilas de mais importância no momento, e entre as famílias propriamente portuguesas. O tupi seria ainda a linguagem mais usada entre os indígenas e seus descendentes. "Fazia-se a conquista tendo por veículo a própria língua dos vencidos, que era a língua da multidão" (SAMPAIO, 1901, p.14).

Raízes indígenas

As estimativas do número de indígenas que habitavam a região costeira do Brasil quando os primeiros europeus chegaram aqui variam muito entre os estudiosos, porém todos retratam o enorme número de nativos que habitavam a região.

É sabido que o contato entre europeus e indígenas não foi tão amistoso quanto exemplificam alguns autores, embora em dados momentos tais circunstâncias, em outras palavras, certas relações de amizade tenham ocorrido deveu-se, em grande parte, a casos isolados, que não cabe neste artigo explorar. Basta apenas observar que boas relações entre europeus e os nativos, variava de aldeia para aldeia, algumas eram muito hostis, e com estas a solução foi o genocídio e etnocídio praticados durante esse período.

Com toda essa variedade de povos e culturas havia, também, uma grande variedade linguística. Essa grande população indígena era dividida em várias tribos, muitas das tribos se dividiam formando outras aldeias, portanto embora separados, a base de suas culturas eram as mesmas em muitas aldeias e, conseqüentemente, a mesma base linguística. A maioria dos nativos que viviam nas costas brasileiras falava dialetos de tronco tupi, e ao que indicam alguns estudos esses nativos se encontravam em expansão no momento da chegada dos europeus.

Os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de tronco tupi que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras matrizes culturais. Somavam, talvez, 1 milhão de índios, divididos em dezenas de grupos tribais, cada um deles compreendendo um conglomerado de várias aldeias de trezentos a 2 mil habitantes (Fernandes 1949). Não era pouca gente, porque Portugal àquela época teria a mesma população ou pouco mais." (RIBEIRO, 1995, p.31)

A disseminação da língua tupi foi obra principalmente dos jesuítas que, buscando aprender a língua indígena para a catequização dos nativos, acabou por disseminar essa língua pelas regiões onde passavam.

Vastíssima, na verdade, era a região por onde dominou a *lingua tupi* no novo continente; no Brasil, porém, deve-se a sua mais notável expansão aos próprios conquistadores europeus, às numerosas expedições ou *bandeiras* que penetraram nos sertões para descender escravos índios, e para a pesquisa do ouro; deve-se principalmente à cathechese que tornou *geral* esse idioma barbaro e o cultivou. (SAMPAIO, 1901, p.11)

A língua tupi foi tão disseminada, que muitos locais onde, a princípio não habitavam tribos dessa origem linguística, acabaram por receber nomes dessa origem, assim como explica SAMPAIO: "Recebiam então um nome tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jamais tivesse habitado uma tribo de raça tupi." (1901, p.14)

Os jesuítas ensinavam às crianças a língua e religião, entre muitos outros costumes de sua sociedade. Com a conversão das crianças estas levavam os novos ensinamentos para sua família, e no futuro seus descendentes acabariam por adquirir e passar adiante esses costumes, por isso era importante os estudos dessas crianças nessa nova sociedade.

Nos povoados mais apartados, a cathechese, iniciada e desenvolvida pelos jesuítas, ia dando à lingua barbaro os fóros de um vehiculo civilizador. Fallavam os padres a lingua dos oborigenes, escreviam-lhe a grammatica e vocabulario e ensinavam e prégavam nesse idioma. Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cunhatains*, filhos dos indios, mistiços ou brancos, ensinavam de ordinario o portuguez e o tupi, preparando deste modo os primeiros catechumenos, os mais idoneos, para levarem a conversão ao lar paterno. (SAMPAIO, 1901, p.12)

Outra língua muito falada aqui no Brasil foi o Guaraní, a respeito dela Sampaio cita o general Couto de Magalhães que faria uma comparação com o grau de semelhança entre o tupi e o Guaraní sendo como o português e o castelhano.

[...] São, de facto, o tupi e o *Guarany*... a mesma língua em dois periodos diversos: o *tupi* num periodo mais primitivo, quasimonosyllabico, conservando com escrupulo as raizes com que formou a agglutinação; o *guarany* em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocábulo agglutinado. Portanto conclue o auctor citado, o *tupi* é a fonte e por isso denominamos o grupo com o nome *tupi*.

Alguns exemplos bastam para deixar bem assignalada essa differença. Assim é que no *tupi* se diz: *ajura*, *pirapora*, *caraíba*, *jaguara*, *curupira*, *cuéra*, ao

passo que no *guarany* se diz, correspondentemente: *ajú, pirapó, carahy, jaguá, carupi, cné*, isto é, ficando os vocabulos mais contractos neste ultimo idioma. (SAMPAIO, 1901, p.20)

O domínio do guarani se encontrava na região sul do país, ocupando também a área que hoje corresponde a Argentina, Paraguai e Uruguai, falado de acordo com SAMPAIO por tribos como os *Guayanas, Carijos, Tapes* e entre outros (1901, p.21).

No Sul, a presença de uma vasta área guaranítica na bacia do Prata se comprova, de um lado, pela toponímia predominantemente guarani das zonas de antiga ocupação do Uruguai e da Argentina, e, de outro lado, pela presença atual do guarani como a língua vernácula do Paraguai. (RIBEIRO, 1995, p.123)

Outra influência que o Brasil receberá além dos colonizadores europeus e dos nativos americanos, será a influência de diversos povos africanos, trazidos para o Brasil para o trabalho escravo, mas que mesmo nas piores condições de vida vão deixar aqui a sua marca cultural e linguística.

Influência africana no Brasil

Em consequência do genocídio, a resistência à integração ao sistema colonial que o índio apresentava, e pelo lucro que o comércio escravo rendia a Portugal, foram trazidos escravizados da África diversas pessoas de variadas regiões. O tráfico negreiro que trouxe milhões de escravos para o Brasil perdurou do século XVI ao XIX. Durante tanto tempo de convívio, mesmo tendo sua cultura reprimida, os escravos oriundos dessas diversas regiões da África não deixaram de exercer aqui sua influência.

Os negros foram trazidos, principalmente, para o trabalho escravo nos canaviais, porém este não foi o único papel que exerceu, em outras cidades onde o cultivo da cana não era praticado, os escravos exerciam várias outras funções como barqueiros, carregadores de mercadorias, na agropecuária, também foram feitos de empregados domésticos, e as mulheres principalmente eram inseridas nas residências para servirem de empregadas pessoais de suas senhoras, e das crianças, até mesmo como amas de leite.

Com um contato tão próximo era de se esperar que muita de sua cultura fosse passada através das gerações. Isso tudo, é claro, foi passado oralmente, e mesmo que a

língua portuguesa tenha sido imposta, aprendê-la tem suas dificuldades. O ritmo de falar diferente, palavras erroneamente pronunciadas, tudo isso sendo cotidianamente construído acaba por adquirir, a língua portuguesa no Brasil, novas características.

De acordo com Lucchesi (2008), estima-se que mais de 200 línguas tenham vindo para o Brasil com os escravos, oriundas de duas principais grandes áreas, do oeste africano, sendo da região do Senegal até a Nigéria, de onde se sobressaem línguas da subfamília kwa; e na área da região da atual Angola, Congo e Moçambique, onde se sobressaem línguas da subfamília do banto.

Explica Lucchesi (2008), que do banto destacam-se o quicongo, umbundo, e principalmente o quimbundo, da região central da Angola. Da subfamília kwa destacam-se o ioruba e as do grupo ewe-fon (principalmente ewe, fon, gun, mali e mina) faladas, principalmente, por indivíduos que ficaram conhecidos aqui no Brasil como jejes ou minas.

Ainda de acordo com Lucchesi (2008), com o decorrer do tempo, várias foram as principais rotas para adquirir escravos. No século XVI os escravos eram oriundos da região do oeste africano, vindos através do ciclo inicial da Guiné, a partir do século XVII há o predomínio do ciclo do Congo e principalmente da Angola, fazendo com que houvesse a predominância de origem banto entre os escravos que viviam no Brasil.

Porém, após um longo predomínio da língua banto em todo país, na região da Bahia entre os séculos XVIII e XIX, houve uma importante rota comercial que unira a Bahia à Costa da Mina, e que após esse predomínio banto os escravos da Bahia teriam sido substituídos, novamente, pelos do oeste africano com primazia para os do idioma ioruba, aqui denominados Nagôs, enquanto em todo o território brasileiro predominava o banto.

O predomínio e a maior antiguidade da presença banto no Brasil refletem-se na contribuição lexical africana para a língua nacional. Enquanto as palavras de origem ioruba -- tais como: abará e acarajé, orixá, axé e Iemanjá -- se restringem ao vocabulário da culinária e da religião, em que as manifestações culturais africanas são mais nítidas, a contribuição vocabular banto atinge o chamado vocabulário comum, com palavras como caçula, moleque, molambo, camundongo e cachaça, e o calão bunda, além de boa parte do vocabulário ligado à escravidão, como senzala, mucama, mocambo e quilombo. (LUCCHESI, 2008, p.169)

As condições adversas e a repressão aberta fizeram com que essas línguas de origem africana fossem sendo cada vez menos usadas. Enquanto os africanos tendiam a

assumir uma postura de resistência à cultura do dominador, seus descendentes, fora do ambiente das culturas africanas de seus pais, tendiam a buscar sua inserção na sociedade brasileira, onde o domínio da língua portuguesa era necessário.

O escravo negro foi o principal agente que contribuiu para a expansão da língua portuguesa. Concentrando-se em áreas de maior atividade mercantil, em uma sociedade onde, cada vez mais, o índio estava escasso, o escravo negro tinha como língua de comunicação o português, até porque envolvidos em uma sociedade com uma língua diferente da sua, e misturados com escravos de outras etnias a fim de evitar revoltas planejadas, os negros tiveram de aprender o português, e com o passar do tempo não deixaram de dar seus traços linguísticos para a nova língua.

Encontrando-se dispersos na terra nova, ao lado de outros escravos, seus iguais na cor e na condição servil, mas diferentes na língua, na identificação tribal e frequentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade. Dão, apesar de circunstâncias tão adversas, um passo adiante dos outros povoadores ao aprender o português com que os capatazes lhes gritavam e que, mais tarde, utilizariam para comunicar-se entre si. Acabaram conseguindo aportuguesar o Brasil, além de influenciar de múltiplas maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram, que foram o nordeste açucareiro e as zonas de mineração do centro do país. (RIBEIRO, 1995, p.115)

A população negra e seus descendentes foram o maior contingente populacional durante o século XVII. Com a descoberta das minas de ouro no centro do Brasil no final do século XVII, aumentou ainda mais a concentração de negros no país, vinham cada vez mais portugueses para cá tentarem a sorte, e esses traziam junto consigo seus escravos. Era tão grande o número de negros e mulatos no país que após a abolição da escravidão no século XIX, foram aceitos no Brasil milhares de imigrantes europeus, a fim de esquecer essa herança cultural negra e branquear a população brasileira.

Com a presença mais intensa de algumas dessas línguas, nas variadas regiões do Brasil, foi se formando também a variedade de dialetos que existem hoje no Brasil, porém esse é um outro assunto que pode gerar outros trabalhos.

Considerações Finais

Com base nos estudos realizados, a implantação da língua portuguesa, embora seja hoje a língua oficial do país, não foi, a princípio, um dos objetivos dos colonizadores, ela ocorreu mais tarde quando se tornou necessária uma identidade nacional. O processo de implantação da língua ocorreu de forma lenta, mais rapidamente em regiões com maior intensidade comercial.

Nas regiões de menor intensidade comercial uma das principais línguas a se difundirem foi a dos nativos, principalmente o tupi, difusão essa feita principalmente pelos jesuítas. Com o tempo ela foi suplantada pelo português, mas que embora substituída ela ainda deixou alguma influência.

Conforme os estudos, o principal agente de difusão da língua foi o escravo negro, que em consequência da falta de mão obra indígena, vai se tornar a principal mão de obra, e que por sua condição social foi obrigado a aprender essa língua e que acabou a espalhando por onde fosse.

Portanto a língua como uma construção social, sofre suas modificações conforme as condições econômicas e sociais em que está envolvida.

Referências Bibliográficas

BESSA-FREIRE, J.R. Nheengatu: A outra língua brasileira. *In*: LIMA, I.S; CARMO, L (Org.). **História Social da Língua Nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LUCCHESI, D. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. *In*: LIMA, I.S; CARMO, L (Org.). **História Social da Língua Nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAMPAIO, P. **O Tupi na Geographia Nacional**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.